

O PANORAMA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PERSPECTIVA ÉTICA DO PROFISSIONAL TILS

Carolina Ferreira Pêgo, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Isaack Saymon Alves Feitoza Silva, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Resumo: Um dos pilares da democracia social, a variação linguística, constitui-se na identidade cultural da comunidade e dos indivíduos em suas particularidades e, assim, quando se condena a variação linguística, ao mesmo tempo se condenam esses indivíduos que a usam, como se fossem incapazes ou até menos inteligentes. Muitas vezes o profissional TILS quando aprende Libras normalmente prende-se a sinais mais “padronizados”. O repertório de sinais regionais, ou até mesmo a variação linguística não constitui em um dos tópicos discutidos na sua formação, fato que não deveria ocorrer. Conforme Gesser: “Alguns sinalizadores da língua de sinais resistem em aceitar a diversidade e acabam dizendo algo como “esse sinal é errado” ou “esse sinal não existe”, quando de fato se trata de variantes da língua” (GESSER, 2006, p.176). Para traçarmos o panorama atual do preconceito linguístico, devemos começar onde os TILS aprendem a língua de sinais: em sala de aula, analisando o modelo de transmissão de conhecimentos e conceitos acerca da língua, o docente surdo. Esse estudo teve por objetivo verificar o nível de preconceito linguístico do docente de Libras de uma universidade federal. Para traçar o perfil, foi feito um questionário com seis perguntas abordando o conhecimento da política linguística, do termo preconceito linguístico, da variação linguística, entre outros. As perguntas foram elaboradas baseando-se em alguns mitos abordados no livro de Marcos Bagno (2007). A amostra constituiu-se de 3 professores surdos de uma universidade federal e 3 universitários surdos do curso de Letras/Libras da mesma instituição. Após as entrevistas e transcrição dos dados, observou-se que devemos repensar na organização política e linguística dessa língua no Brasil, e incluir essa discussão no espaço dos Estudos da Tradução, pois quando trabalhamos com uma língua, inevitavelmente estamos envolvidos na organização política dessa.

Introdução

A variação linguística faz parte da construção democrática de uma sociedade, pois mostra a identidade cultural da comunidade e dos indivíduos em suas particularidades e, assim, quando

se condena a variação linguística, ao mesmo tempo se condenam esses indivíduos que a usam, como se fossem incapazes ou até menos inteligentes. No Brasil, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) apresenta sua variação linguística em diferentes estados e em diversas comunidades surdas brasileiras, da mesma forma que existem variações na língua portuguesa, como dialeto de cada estado, conforme afirma Gesser (2009). É impossível padronizar o uso de qualquer língua natural, oral ou de sinais, razão pela qual temos que respeitar as variações linguísticas regionais, sociais e estilísticas. Muitas vezes o profissional TILS quando aprende Libras normalmente prende-se a sinais mais “padronizados”. O repertório de sinais regionais, ou até mesmo a variação linguística não constitui em um dos tópicos discutidos na sua formação, fato que não deveria ocorrer. Conforme Gesser: “Alguns sinalizadores da língua de sinais resistem em aceitar a diversidade e acabam dizendo algo como “esse sinal é errado” ou “esse sinal não existe”, quando de fato se trata de variantes da língua” (GESSER, 2006, p.176). Para traçarmos o panorama atual do preconceito linguístico, devemos começar onde os TILS aprendem a língua de sinais: em sala de aula. Quem representa o modelo de transmissão de conhecimentos e conceitos acerca da língua é o docente surdo. Assim, nesse estudo pretendeu-se verificar o nível de preconceito linguístico do docente de Libras de uma universidade federal.

Objetivos

- verificar o conhecimento do termo preconceito linguístico pelos docentes e alunos surdos do curso de Letras/Libras;
- relacionar o preconceito linguístico dos docentes e alunos do curso à atuação dos TILS;
- traçar o panorama atual dos estudos de Tradução, na área de Línguas de Sinais, considerando a relevância das discussões sobre ética, preconceito linguístico e variação linguística.

Metodologia

Para traçar o perfil, foi feito um questionário com perguntas abordando o conhecimento da política linguística, do termo preconceito linguístico e da variação linguística.

As perguntas foram elaboradas baseando-se em alguns mitos abordados no livro de Marcos Bagno (2007), por exemplo: “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” (adaptando à Libras, seria “O lugar onde melhor se fala a Libras é em Florianópolis); “O

domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. Explicaremos como os mitos se adaptam à Libras e aos surdos usuários nos resultados.

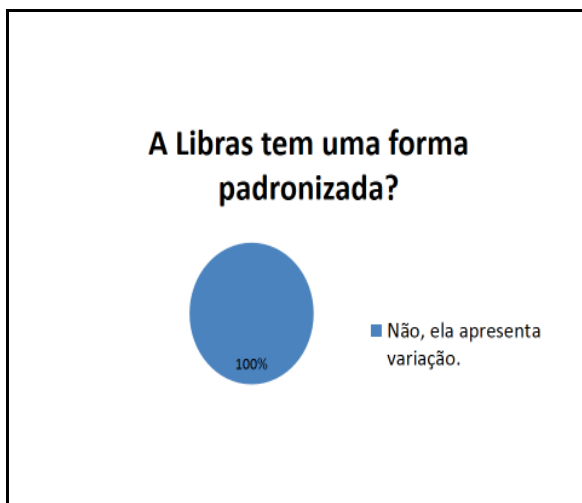
A amostra constituiu-se de 3 docentes surdos, com mais de 3 anos de experiência, atuando atualmente na universidade; e 3 universitários surdos do curso de Letras/Libras da mesma instituição. Todas as entrevistas foram registradas em vídeo, com autorização de uso para estudo pelo próprio entrevistado, em Libras.

O tema da pesquisa não foi revelado aos participantes antes da entrevista, pois poderiam ser influenciados, assim, limitamo-nos a dizer que queríamos fazer algumas perguntas sobre o ensino da Libras. No fim, explicamos que esse questionário pretendia verificar se eles conheciam o termo preconceito linguístico e qual a situação da política linguística da LIBRAS atualmente.

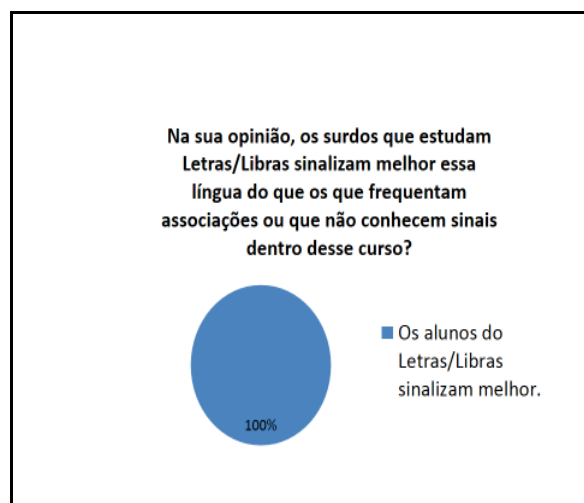
Após as entrevistas e transcrição dos dados, levantou-se alguns aspectos mais quantitativos, em gráficos para análise, e os aspectos qualitativos serão abordados na Discussão.

Resultados

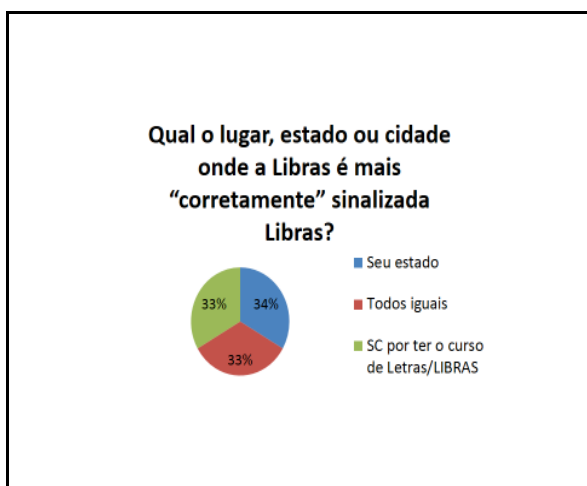
Esquematizamos, abaixo, os resultados obtidos nas entrevistas.



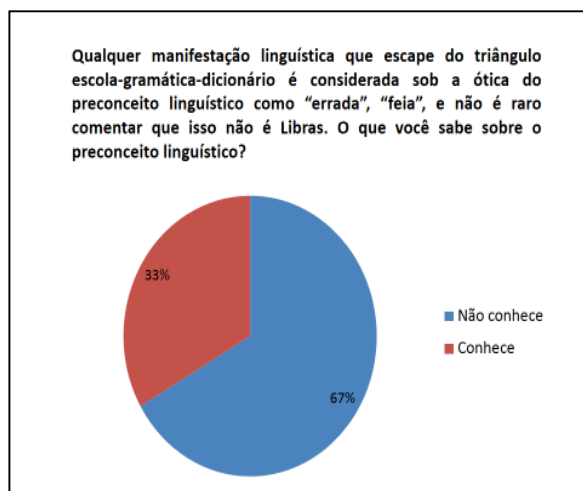
1ª questão



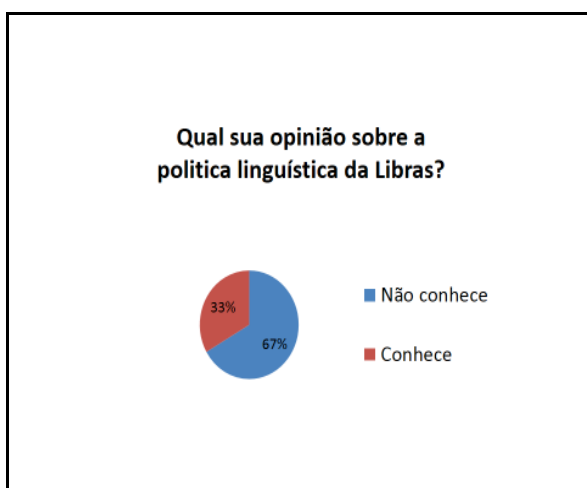
2ª questão



3ª questão



4ª questão



5ª questão



6ª questão

Discussão

Na primeira questão, percebe-se que os professores e alunos possuem consciência das variações regionais/dialetais da Libras, porém isso não é passado durante as aulas, ficando somente na esfera social, pois os entrevistados são membros dessa comunidade e não ficam alheios à ela. Isso reflete na atitude dos TILS, os quais mostram dificuldades na aceitação e incorporação das variantes no seu repertório lexical no seu trabalho de tradução/interpretação.

Os resultados da segunda questão mostraram que os docentes percebem que os surdos acadêmicos têm mais conhecimento da área de linguística, e não vêm sob a perspectiva da

importância de considerar os diferentes níveis sociais. Nas últimas décadas, com a criação do curso de Letras Libras – Bacharelado, onde se formam TILS, houve um distanciamento desses profissionais das associações e outros espaços sociais onde a Libras é sinalizada de forma mais informal, fugindo do padrão “imposto” pelo Letras Libras. Também a tecnologia influenciou os surdos sobre a importância do encontro cara-a-cara, refletindo na atitude em sala de aula, onde não há incentivo para os TILS frequentarem esses ambientes sociais.

O preconceito linguístico, segundo Bagno (2007) é fruto de uma concepção profundamente tradicionalista, onde deve-se considerar correto o que está nas gramáticas ou nos dicionários, e o que foge à regra, é abominado pelos professores que ainda pregam essa visão. Certamente, pelo fato de que os docentes constituírem-se modelos de elocução, de uso dessa língua, essa atitude gerada por essa visão tradicional influencia os que aprendem essa língua, e, conseqüentemente, os que trabalham com ela, no caso, os tradutores. Percebeu-se, na entrevista, que a maioria dos docentes e futuros docentes não conhecem o termo preconceito linguístico, mesmo adotando essa atitude nas aulas e no discurso. Isso mostra o porque alguns dos TILS também adotam tal atitude, priorizando sempre, independente do contexto de atuação, os sinais mais “padronizados”.

Outro aspecto que deve ser considerado pelo docente de Libras, e pelo TILS, é a Libras, nos seus regionalismos e nas suas diferentes variações, deve ser respeitada e valorizada, em todas suas nuances linguísticas, não somente o seu estado, pela sua familiaridade. O profissional TILS atua usando uma língua que apresenta variações ricas, tanto regionais quanto sociais, assim, ele deve ser desprovido de qualquer pré-conceito referente à essas particularidades dessa minoria linguística e trabalhar agregando tais características aos seus conhecimentos e técnicas.

“O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.” Essa frase corresponde a um dos aspectos do preconceito linguístico levantado por Bagno (2007), onde há o senso comum de que a norma culta se restringe apenas à nata da comunidade linguística. Ao questionarmos aos professores e alunos, a maioria revelou pensar na mesma forma, ou seja, novamente o preconceito se manifesta entre os que são modelo de uso da língua e influenciam esse uso e esse conceito sobre ela entre os alunos/futuros TILS, quando enfatizam, em sala de aula e nos discursos, a importância e a valorização dos que utilizam a norma culta, a Libras padrão.

A língua é um instrumento de comunicação e dele fazem uso os TILS, assim, devem ter em mente de que a Libras não abrange somente sua “forma padrão”, mas também nos seus diversos níveis sociais dentro da comunidade surda.

Conclusões

Após as entrevistas e transcrição dos dados, observou-se que devemos repensar na organização política e linguística dessa língua no Brasil, e incluir essa discussão no espaço dos Estudos da Tradução, pois quando trabalhamos com uma língua, inevitavelmente estamos envolvidos na organização política dessa. Ser um TILS é reconhecer a diversidade linguística da Libras, valorizá-la e integrar esses conhecimentos na sua formação profissional e ética.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz.*– Edições Loyola, São Paulo, 48 ° e 49° edição, 2007.

Gesser, A. (2006). *Um olho no professor surdo e outro na caneta: Ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais.* Tese de doutorado inédita, Campinas: Unicamp.

_____. (2009). *LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.* São Paulo: Parábola, 2009